

# O DISCURSO EXISTENCIALISTA DE GRACILIANO RAMOS EM "ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS"

André CAMLONG  
(Univ. de Toulouse-le-Mirail)

**Sator arepo tenet opera rotas**

## RESUMO

Qual é a essência e a existência do homem? O pesadelo de Alexandre revela que a vida é uma epopéia trágica. É o que destaca o percurso narrativo dos cantos, onde a estética é já ética. É esse discurso que Graciliano Ramos estrutura nos quatorze contos de **Alexandre e outros heróis**, através da fusão de elementos folclóricos e mitológicos.

## RÉSUMÉ

Quelle est l'essence et l'existence de l'homme? Le cauchemar d'Alexandre révèle que la vie est une épopée tragique. C'est ce qu'on peut trouver dans le parcours narratif des contes, où l'esthétique est éthique. C'est ce discours que Graciliano Ramos structure dans les quatorze contes **Alexandre et d'autres héros**, par le moyen de la fusion des éléments folcloriques et mythologiques.

Qual é a essência e a existência do homem? O pesadelo de Alexandre revela que a vida é uma epopéia trágica. É o que destaca nitidamente o percurso narrativo dos contos, onde a estética é já ética. A existência é uma lenta e progressiva degradação do ser, vivida num terrível pesadelo, entre dois nada, um nada de lembrança

teogônica e cosmogônica, anônima na origem, e, no final, um nada de silêncio cósmico engolindo um sacrifício inútil.

É esse discurso que Graciliano Ramos estrutura nos quatorze contos de **Alexandre e Outros Heróis** através duma dupla imbricação, a dos elementos folclóricos e a dos elementos mitológicos.

## **1. O percurso narrativo salienta a distorção entre o mundo vivido e o mundo sonhado. É a distância que separa o mundo folclórico do mundo mitológico**

**1.1.** Os elementos folclóricos não transparecem apenas nas histórias dos quatorze contos mas são também veiculados pelas personagens num quadro tipicamente nordestino.

**1.1.1.** As histórias são heróicas na medida em que apresentam uma personagem fora do comum. De fato estão ligadas às façanhas de Alexandre segundo o decorrer da sua vida.

No início trata-se das façanhas do jovem adolescente Alexandre, dito "Xandu". A narração abre com a captura duma onça que foi beber no bebedouro numa noite sem lua. Alexandre conseguiu domar o animal, meter-lhe o cabresto e levá-lo para o curral, pensando que era a égua pampa que foi buscar. A força do herói tornou-se lendária. Mas na luta com o animal Xandu perdeu o olho esquerdo, que só horas depois recuperou espetado num espinho, quase murcho, coberto de moscas. Conseguiu limpá-lo e colocá-lo no buraco ensangüentado. O estranho do caso foi que via melhor com o "olho torto" do que com o olho direito. A partir daquele momento todas as proezas do herói eram permitidas. O jovem cavaleiro fez maravilhas com a sua nova e estranha cavalgadura, um bode extraordinário em que passou os arreios e com o qual superava todos os vaqueiros nas vaquejadas, porque de facto aquele bode não corria mas voava. E Xandu veio a ser o terror da terra, matando com a mesma maestria novilha e onça de lombo-preto.

A fama do adolescente foi tão grande que Xandu tornou-se duma vez "Major", casando com Cesária, uma rica e nobre

herdeira. O casal passou uma vida rica de trabalho e aventuras. O major, como bom nordestino e rico fazendeiro, fazia o comércio do gado. Conheceu o mundo, a riqueza, o bem-estar, apesar de certas dificuldades. Essa vida memorável está associada ao estribo de prata, que, segundo o ciclo da lua, produzia cada mês várias arrobas de prata, conseqüência duma mordedura de cobra. Conheceu uma natureza supra-abundante: os pés do marquesão de jaqueira ganharam raiz, e vieram a ser quatro maravilhosos pés de jaca que produziam a mais rica fruta que se podia esperar e as gavetas encheram-se de mel, o móvel era uma colmeia. Mais ainda: a terra pedregosa que normalmente não produzia nada, veio a dar uma riquíssima safra de tatus: plantou maniva e conseguiu uma colheita de carne em vez de farinha, já que os tatus se multiplicaram nas raízes das plantas. A sorte do major foi extraordinária quando uma noite calçou uma jibóia a modo de bota, e não foi mordido. A sorte foi memorável também quando escapou do naufrágio graças a seu gênio: fez um buraco no fundo da canoa em que embarcou para escorrer a água que entrava por outro, e assim salvou a vida.

A habilidade e as astúcias do herói foram extraordinárias: com a velha espingarda, dum só tiro matava duas araras separadas uma da outra de tal maneira que uma caiu ao meio-dia e a outra às seis da tarde; outra vez, com essa espingarda que “junta o chumbo” e “não respeita distancia”, matou um veado “com dois carços, um na cabeça, outro no pé direito”.

Um homem feliz naquele mundo bucólico. A única contrariedade de Alexandre foi com os papagaios: um morreu de fome porque o esqueceu preso num saco, o outro fugiu porque enganou Cesária. Não teve tampouco muita sorte com a cadela moqueca que morreu vítima dum porco brabo que a mordeu.

Finalmente, no último conto, o velho Alexandre está estendido na cama, morrendo vítima da “madorna”, a febre do animal, que contraiu durante a vida.

Quatorze contos que alimentaram os serões entre amigos em casa de Alexandre.

### 1.1.2. As personagens nordestinas

As personagens que participam dos serões são apresentadas desde o início. Constituem em torno de Alexandre, o herói por excelência, um grupo bem característico de três homens e três mulheres.

Os homens: “seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e Mestre Gaudêncio curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras”. As mulheres: “Das Dores, benzedeira de quebranto e afilhada do casal” e Cesária, a esposa de Alexandre. Essas cinco personagens acompanham o herói em todos os serões. No último conto aparece a terceira mulher, sinha Terta, que vem administrar “um suadouro brabo” ao major Alexandre.

Assim, ao lado dos participantes nos serões figuram duas personagens que devem ser consideradas de primeiro plano já que servem para destacar o percurso narrativo, marcando a diferença entre o tempo da narração e o tempo vivido, rejeitando o conto para o domínio utópico da memória. A primeira é a própria sinha Terta de quem se falou no sétimo conto, **A safra dos tatus**, ela “mora na ribanceira do rio”. A segunda, de grande importância, é o Doutor Silva, “homo sabido como um tabelião”, que faz sucessivamente ofício de advogado e de canoeiro.

Ao lado dessas personagens típicas, essencialmente ocupadas em lavouras tradicionais, figuram outras que servem apenas para guarnecer o pano de fundo representativo do povo nordestino, feito principalmente de vaqueiros.

### 1.1.3. O quadro nordestino

O quadro real em que decorrem os serões contrasta nitidamente com o quadro sonhado por Alexandre: é pobre e agreste.

A casa de Alexandre é uma fazenda paupérrima: consta duma sala e dum quarto obscuro, de varanda, copiar e alpendre; duma mobília reduzida e rudimentar: uma rede, um cepo que serve de cadeira, um banco no copiar, uma esteira, uma mala de couro cru, a pedra de amolar, um caneco de lata enferrujada e um candeeiro de

folha. O próprio cachimbo de Alexandre é de barro. Não há grande diferença entre a morada do herói e a dos animais: o curral, o mourão e o chiqueiro das cabras. Do vestuário sabemos pouca coisa, apenas é mencionado um par de alpercatas de couro muito ruins. Afinal tudo aquilo é o contrário do mundo sonhado, da rica morada com jirau, marquêsão, mesas com embutidos, armários, cadeiras fofas, camas de molas, cortinas, penduricalhos, espelhos...

Quanto à natureza em que vive é hostil quando não agressiva. A flora que cresce entre pedra e cascalho é em si um símbolo da realidade vegetal: mato, catinga, catingueiras, capoeira, touceira cheia de espetos, garranchos, moita de espinhos, coroa-de-frade, coivara, cipós, paus, talos secos, macambira, espinho rasga-beiço, quipá, xiquexiques... exatamente o contrário duma descrição bucólica. A fauna é brutal e agressiva: mais facilmente lá se encontram onça-pintada, onça de lombo-preto, jibóia, cascavel, papagaio, canindé, araras, ararões, bacuraus, urubus, moscas, formigas... do que égua pampa, boi brabo, porcos, cavalos, cabras ou boiada. Exatamente o contrário da rica plantação de maniva que produziu tantos tatus na imaginação de Alexandre.

O próprio clima é seco e poeirento. A água é mais sinônimo de morte que de vida, tanto pela raridade quanto pela qualidade: o bebedouro em que capturou mentalmente a onça não tem nada a ver com o açude, o riacho, a vazante ou as chuvinhas. Foi isto que o herói conheceu durante toda a vida, enquanto sonhava com roça, maniva, mandioca, jaqueira, fartura de carne fresca, charque e farinha. Na realidade tanto ele como o animal morrem de fome nessa terra. Até o animal imaginário foi nutrido "com sabugo de milho e caroço de algodão".

A diferença entre o sonho do rico fazendeiro e a realidade nordestina dá a medida exata da tragédia humana. O vaqueiro passou a vida sonhando com boiada, cavalo, garupa, laço, cabresto, sela, maçaneta da sela, estribos de ouro e de prata, couro, botas, caçuás, surrão, espingarda e aió, enquanto vivia miseravelmente no meio daquela natureza avara e agressiva.

É assim que o folclore nordestino mistura a nobreza dos elementos sonhados com a pobreza dos elementos reais do cotidiano.

Mas a diferença entre uns e outros resulta da construção estética e ética do discurso fundamentado no percurso mitológico.

## 1.2. O percurso mítico dá a medida exata da estética e da ética do conto

A metalinguagem põe em relevo os elementos metatextuais de modo que o conto é lido simultaneamente na dupla estrutura. O plano folclórico é imediatamente ultrapassado para atingir o percurso dos modelos mitológicos que presidiram à elaboração do discurso existencialista dos quatorze contos.

### 1.2.1. O título em si, "Alexandre e Outros Heróis", interpela o leitor desde o princípio

Qual é a significação da palavra herói? No sentido restrito da palavra, o herói é um semideus. Na mitologia clássica o nome era reservado aos grandes homens divinizados que se distinguiam por um valor extraordinário, por êxitos brilhantes, por uma força de carácter excepcional, por uma grandeza de alma ou por virtudes admiráveis. Ora, a própria definição da palavra permite abordar o problema do heroísmo de Alexandre. Na realidade Alexandre é um anti-herói. O seu heroísmo é apenas imaginário como se destaca nitidamente dos episódios narrados.

Já que o título se refere a "Outros Heróis" é preciso pois procurar os méritos dos três homens e das três mulheres que acompanham Alexandre na tragédia da sua vida infernal. Os elementos folclóricos suportam os elementos mitológicos.

### 1.2.2. As personagens têm um modelo na mitologia clássica

Alexandre é de facto o único humano do grupo: é acompanhado pelas três parcas e comparece diante dos três juizes à porta dos infernos depois de ter atravessado o Estige na canoa de Caronte.

Enquanto "herói" Alexandre pertence a um mundo diferente do dos "Outros Heróis". O potencial de Alexandre, fruto da sua imaginação, faz dele o émulo de Alexandre o grande, o forte, o rico,

o potente, aquele filho de rei, enquanto Alexandre é, na realidade, um pobre Adão, filho de “Adama”, a terra, à qual fica grudado e à qual vai devolver todo o seu ser.

As três mulheres são as três parcas que acompanham a vida de Alexandre. Primeiro, Das Dores-Cloto, a parca que “fia” segundo a etimologia da palavra, segurando a roca e presidindo ao nascimento dos homens; está simbolicamente vestida de azul; é “afilhada do casal” e a cada passo incita o “herói” a narrar os episódios. Segundo, Cesária-Láquesis, a esposa de Alexandre, fazia dançar os bilros<sup>1</sup>, ajudando o esposo a tecer o pano da vida tanto quanto a trama das histórias<sup>2</sup>, e, como a parca, no dia do primeiro encontro, vinha vestida “de roupa nova, brincos nas orelhas e xale vermelho com ramagens”<sup>3</sup>, símbolos de identificação. Quanto à Terceira Parca, a bendita sinha Terta<sup>4</sup>-Átropos, é “escura”<sup>5</sup>, quer dizer vestida de preto, conforme a tradição; ela chega no fim da vida do herói para lhe administrar “o suadouro brabo” e cortar o fio da vida<sup>6</sup>, segundo a própria etimologia.

Os três homens são os representantes dos juízes que julgam a vida de Alexandre à porta dos Infernos: Radamanto, Éaco e Minos. Seu Libório, o “cantador de emboladas” e Mestre Gaudêncio, o “curandeiro, que rezava contra mordedura de cobras” são os acólitos do presidente do tribunal, “o cego preto Firmino”, cuja exigência na “inquisição” é lendária<sup>7</sup>, como o indica o nome concedido por Graciliano Ramos. Além disso, as características físicas e morais de Firmino, “o cego preto”, fazem da personagem uma réplica do Destino, aquela divindade cega e inexorável, filha da Noite e do Caos, encarnação da fatalidade de quanto ocorria no mundo. O Destino verificava a observação das leis escritas nas tabelas da eternidade e as três parcas estavam encarregadas de executar as ordens que dava.

A par dessas personagens do primeiro plano figura indiretamente o Doutor Silva-Caronte, o canoieiro da canoa infernal que guiava as almas dos defuntos até as portas dos Infernos, fazendo-as atravessar o Estige depois de ter pago os três óbolos. O Doutor Silva, não apenas no nome mas também nas características físicas e morais, é uma réplica do velho, avaro e hediondo<sup>8</sup> Caronte a quem

Alexandre paga ao chegar a Porto-Real-do-Colégio, depois de ter atravessado o São Francisco, “o maior rio do mundo”<sup>9</sup>, o dobro do preço convencional: “meia dúzia de trompaços” em vez dos três óbolos.

É assim que a estrutura narrativa dos elementos folclóricos serve de suporte à estrutura da trama mitológica para a elaboração do discurso existencialista.

**1.2.3.** As lendas mitológicas confundem-se com os episódios narrados por Alexandre, frutos da sua imaginação, integrando os elementos míticos no percurso discursivo.

O percurso narrativo absorve o percurso mitológico elaborado segundo o modelo da história de Belerofonte que convém relembrar rapidamente para estabelecer o paralelo com Alexandre.

Hiponoos (homem e cavalo), um nobre adolescente de rara beleza e valentia, graças ao cabresto mágico que lhe deu a deusa Atena, um dia conseguiu capturar Pégaso, o cavalo alado, que vinha beber à fonte de Hipocrene (fonte do cavalo).

Cavalo e cavaleiro tornaram-se então célebres no dia em que Belerofonte conseguiu matar a Quimera, criatura monstruosa, metade leão na parte dianteira, metade cabra na parte traseira e com uma cauda de dragão. Belerofonte matou o monstro que vomitava chamas fazendo-o tragar chumbo que derreteu com o calor afogando-o.

Para recompensar aquele heroísmo, Belerofonte pôde casar com a irmã do rei de Tirinte, herdando a metade do reino.

Mas o orgulho destruiu o herói o dia em que pretendeu subir ao Olimpo graças a Pégaso: Zeus precipitou-o na terra onde ficou paralisado e isolado.

Tal é a história vivida na imaginação de Alexandre-Belerofonte que capturou a onça pintada no bebedouro, que domou o bode-Pégaso com a qual matou a novilha carregando um quarto diante da cavalgadura e “azuretou” a onça de lombo-preto pegada no lombo da mesma cavalgadura, formando assim uma réplica da Quimera<sup>10</sup>.

Como no modelo, o nosso herói vai ser atirado para o inferno e vai comparecer diante dos juizes depois de ter atravessado o São Francisco e ter chegado a Porto-Real-do-Colégio.

Duas lendas mitológicas - a de Belerofonte e a do mundo infernal - fornecem o modelo ao mesmo tempo da trajetória narrativa e discursiva, ligando a estética à ética dos quatorze contos. É portanto preciso respeitar a ordem dos episódios para seguir o percurso iniciativo. Infelizmente não é possível aqui entrar em todos os pormenores do paralelismo que são à base da elaboração do discurso existencialista a que se chega através dessa dupla interpretação.

## **2. O discurso existencialista desemboca no nada existencial. É a consequência da ausência de resposta à pergunta fundamental feita acerca do destino do homem após uma busca obstinada nos mitos clássico, bíblico e índio. Esse discurso é posto em relevo pela retórica e pela simbólica**

### **2.1. O raciocínio retórico vai chegar à tripla verificação de que não existem nem Inferno, nem Paraíso, nem Deus.**

No sétimo conto da **Safra dos Tatus** - paralelismo evidente com o sétimo dia bíblico - Alexandre vai abordar logicamente o problema da origem divina do homem, assim como o da participação humana do Redentor. Chega à conclusão de que tudo isso é mera bobagem, falsificação, mentira ou engano. Tudo isso não resiste à lógica do raciocínio;

§1 - Esses trinta mil pés não renderam, isto é, não renderam mandioca. Renderam coisa diferente, uma esquisitice, pois, se plantamos maniva, não podemos esperar de modo nenhum apanhar cabaças ou abóboras, não é verdade? Só podemos esperar mandioca, que isto é a lei de Deus. A gata dá gato, a vaca dá bezerro e a maniva dá mandioca, sempre foi assim.

§2 - Mas este mundo, meus amigos, está cheio de trapalhadas e complicações. Atiramos num bicho, matamos outro.

§3 - E sinhá Terta, que mora aqui perto, na ribanceira do rio, escura e casada com homem escuro, teve esta semana um filho de cabelo cor de fogo e olho azul. Há quem diga que sinhá Terta não

seja séria? Não há. Sinhá Terta é um espelho. E por estas redondezas não existe vivente de olho azul e cabelo vermelho. Boto a mão no fogo por sinhá Terta e sou capaz de jurar que o menino é do marido dela.

§4 - Vossemecês estão-se rindo? Não se riam não, meus amigos. Na vida há muito surpresa, e Deus Nosso Senhor tem desses caprichos.

§5 - Sinhá Terta é mulher direita. E as manivas que plantei não deram mandioca. Seu Firmino está ai fala não fala, com uma pergunta na boca, não é, seu Firmino?

O silogismo está patente, Alexandre “raciocina” de modo rigoroso e exemplar. No §1 põe em evidência a lógica da lei natural segundo a qual cada ser se reproduz na própria espécie. Não há nem pode haver interferência nenhuma entre as espécies. Refuta assim qualquer possibilidade de violação da lei natural e da lei divina. No §2 a metalinguagem vai sublinhar toda a ironia do autor, no sentido etimológico da palavra: o anúncio da inversão entre o jogo das palavras e os elementos referenciais põe em relevo a ironia. No §3 acumulam-se ostrosos denunciando tanto a impossibilidade concedida ao homem de participar da natureza divina quanto a impossibilidade de Deus de participar da natureza humana. Alusão explícita ao dogma da Virgem, mãe de Cristo, Homem-Deus, e às litânicas que repetem inocentemente semelhante ilogismo de virtude e de fidelidade. No §4, investivando o interlocutor, denuncia o ensino das Escrituras como sendo contrário a toda a lógica de filiação. No §5, voltando metaforicamente à plantação de maniva que deu tatus, faz alusão ao mistério da eucaristia em que o pão se transforma em corpo divino e também à mitologia índia da “Mani-oca”, em que Mani, filha branca de virgem índia, se transformou em maniva, “a filha da casa”, sendo mantimento e nutrição dos Índios<sup>11</sup>.

“Caiporismo, disse comigo. Estamos sem sorte...” As palavras de Alexandre mostram que Graciliano Ramos buscou exaustivamente a resposta ao problema existencialista do homem. Buscou a explicação metafísica tanto na mitologia clássica, como na Bíblia e na mitologia índia, salientando a contradição patente entre o

discurso e a realidade. O “caiporismo” é a má sorte que Caipora, o Deus índio protetor das selvas, lança aos homens perdidos nos bosques ou nos campos.

Assim percebe-se perfeitamente a imbricação da **História de uma Bota**, o conto que segue, alusão à fábula infernal de Caribdis e Cila: Alexandre “cai de Cila em Caribdis”. Qualquer metamorfose lhe é proibida. Toda a elevação é impossível.

O encadeamento lógico é fatal. Na **Canoa Furada**, o nono conto que segue, a constatação de Alexandre é terrível:

- Ora, seu Firmino! exclamou Alexandre. Para que diz isso? Embarca. Todos nos embarcamos, é da natureza do homem embarcar em canoa furada. Tudo neste mundo é canoa furada, seu Firmino. E a gente embarca. Nascemos para embarcar. Um dia arreamos, entregamos o couro às varas e, como temos religião, vamos para o céu, que é talvez a última canoa, Deus me perdoe. Embarca, seu Firmino.

A discurso da realidade é bem diferente do discurso da fábula: todos os homens têm o mesmo e único destino, o Nada.

Assim acaba a ingenuidade de Alexandre: o “desadoro” traduz a desilusão final. Semanticamente “des-adorar” expresse talvez a recusa de adorar ou, mais claramente, o caminho inverso seguido na sua busca metafísica.

- “Então, seu mestre, perguntei ao canoeiro, o senhor não disse que esta geringonça era segura?” E o desgraçado respondeu: “Segura ela era. Mas, como o senhor está vendo, agora não é.” - “Que é que vamos fazer? gritei desadorado.”

Última constatação: o Paraíso não existe, é mera invenção da fábula, mentira ou engano. De fato, no conto seguinte, **História de uma Guariba**, um domingo de manhã, para não dizer à hora da missa, Alexandre foi ao anti-paraíso e chegou ao pé da imburana, a árvore do conhecimento do bem e do mal, mas não encontrou nada. O paraíso estava vazio na hora de adorar o Senhor:

- Um domingo destes, contou Alexandre aos amigos, vesti o guarda-peito e o gibão, cobri-me com o chapéu de couro, acendi o cachimbo, pus o aió a tiracolo, peguei a espingarda, resolvido a desenferrujá-la, se aparecesse caça graúda. Saí pelo terreiro, dei umas voltas nos arredores, andei, virei, mexi, afinal entrei numa vereda, subi a ladeira dos preás e, sem encontrar bicho que merecesse uma carga de chumbo e um dedal de pólvora, cheguei à imburana, perto da cerca de ramos. Ai, como o calor apertasse, tirei o aió, o chapéu, o gibão e o guarda-peito, estirei-me no chão e passei uma hora de papo para cima, fumando e pensando nos aperreios deste mundo velho. Sentia-me bem triste, meus amigos, bem desanimado. Eu, homem de família, nascido na grandeza, criado na fartura, tendo o que precisava, do bom e do melhor, estava por baixo, muito por baixo: deitado em garranchos e folhas secas, a cabeça num travesseiro de couros dobrados. Fui-me amadornando, o cachimbo me caiu dos dentes, fiquei assim meio leso, nem adormecido nem acordado, vendo e ouvindo as coisas em redor e misturando tudo a casos antigos.

Alexandre verificou a aspereza do lugar e a própria nudez. "Bem", é a metalinguagem alusiva:

Encontrei uma cerca de ramos e um formigueiro de formiga branca, subi uma ladeira, alcancei o alto de um monte, onde topei a imburana. Bem.

Tal é o resultado e a conclusão do homem quando "sobe a ladeira dos preás" como quem repete de maneira inocente e crédula palavras que não entende. Mas Alexandre relega para o plano do absurdo os problemas religiosos ligados à crença, à prática e à Fé:

Peço a Deus que os anjos digam amém. Esta fé é que me traz em pé. Ora vejam que besteira. Em pé! Aqui de papo para o ar, contando os caibros, não presto para nada.

A fé não presta para nada porque não existe nem Deus, nem Paraíso, nem Inferno. Foi a conclusão a que chegou no fim de

tão obstinada busca, mexendo em todos os textos míticos com um olho esperto, aquele famoso “olho torto” que vê tudo, analisando todos os tropos.

A sentença do cego preto Firmino fecha o raciocínio de Alexandre, concluindo com um “desadorno” tonitruante:

- Um desadorno, pois não, concordou o cego. Mas quem sabe se aquilo não era trapalhada? Talvez vossemecê estivesse zuruó, tresvariando.

Alexandre tinha contraído a “madorna”, aquela doença letárgica das ovelhas.

Mas a ausência de qualquer divindade, fruto da busca metafísica nas três mitologias, implantado no coração do percurso narrativo mitológico, traduz a lenta degradação do sorites que vai circundar o ponto final do Nada.

**2.2.** A resposta à problemática metafísica do homem é salientada pela semiótica e pela simbólica dos contos. Se a origem do homem não tem explicação precisa, é claro que o seu destino desemboca fatalmente no nada e que a sua vida é trágica.

A linha semiótica traçada pela trajetória do discurso indica claramente a lenta aniquilação comparável à descida aos Infernos. O destino de Alexandre é medido pelo espaço percorrido. No início, o potencial que o adolescente tinha em si fazia de Xandu um cavaleiro extraordinário: voava por cima do animal. A seguir foi o animal que dominou o major Alexandre: o papagaio distraiu o fazendeiro, a jibóia engoliu o vaqueiro, a guariba escarneceu do homem:

Eu, homem de família, nascido na grandeza, criado na fartura, tendo o que precisava, do bom e do melhor, estava por baixo, muito por baixo: deitado em garranchos e folhas secas, a cabeça num travesseiro de couros dobrados. Fui-me amadornando

Aliás a sentença de seu Libório é significativa:

Muito bem, seu Alexandre, o senhor é um bicho.

Afinal Alexandre morre da “madorna”, deixando apenas da sua miserável viagem anti-heróica no mundo as alpercatas de couro “enganchadas num pé de muçambê”, a modo de epitáfio e austero símbolo nordestino: “Aqui jaz o miserável Alexandre, testemunho dessa vida infernal”. Todo o seu ser voltou para o nada: entregou-o inteiramente aos elementos primordiais da criação, o fogo, o ar, a água e a terra.

Alexandre e o seu Destino formavam um par como na época em que cavalgava o bode-Pégaso no início dos contos. Era a marca dada a todas as histórias trágicas da sua vida, no sentido etimológico da palavra, referindo-se aos cantos religiosos que acompanhavam o sacrifícios dum bode nas festas de Dionísio. Alexandre pode examinar todos os cantos da sua vida, chega inexoravelmente à única conclusão: **-estou feito um molambo**. As parcas e as forças do Destino tinham tecido corretamente a sua vida. O sacrifício era inexorável.

A vida de Alexandre é medida pelo sorites do discurso. Tudo converge para o ponto final do Nada: “a vida é um buraco”. O caminho do homem é paralelo ao caminho dos deuses, como o caminho das lendárias formigas é um pálido reflexo do “carreiro de Sant’lago” inacessível ao homem.

Acordei numa escuridão medonha. Nem pedaço de lua nem estrelas, só se via o carreiro de Sant’lago. E tudo calado, tão calado que se ouvia perfeitamente uma formiga mexer nos garranchos e uma folha cair... Continuei deitado, de barriga para cima, espiando o carreiro de Sant’lago e prestando atenção ao trabalho das formigas.

Do céu para o nada é o caminho que Alexandre segue do início ao fim, fazendo convergir o alfa e o ómega, como nas ROTAS do SATOR, simbolizado por duas atitudes paralelas no início e no fim:

- de papo para o ar, olhando o céu, fui-me amadornando devagarinho,
- de papo para o ar, contando os caibros, não presto para nada

O Alexandre-Adão é grudado à Terra-Adama. No início “um galo cantou, houve nos ramos um rebuliço de penas”, o dia ia levantar-se, e no fim, à luz artificial do candeeiro, é o próprio Alexandre que é comparado a um galo de campina, “com a cabeça cor de sangue”, mas esse galo não cantará senão o “desadorno”, palavra-chave dos contos e do discurso existencialista.

## CONCLUSÃO

O discurso existencialista percorre a trajetória dos quatorze contos, em que os elementos folclóricos da narração suportam os elementos míticos. Com o barro das palavras, inspirando-se nas lendas do folclore nordestino e perseguindo a busca metafísica nas lendas das mitologias, Graciliano Ramos confeccionou uma personagem e um universo típicos. Pôs assim a estética ao serviço da ética, chegando à terrível constatação de que Deus, Inferno, Paraíso, são palavras, e apenas palavras inventadas pelo homem e transmitidas pelas lendas. Mas o discurso transmitido é falso, ilusório, enganador, porque não resiste à análise, ao raciocínio e à lógica? Qual é a origem do homem? Não se sabe. Nem se sabe o nome do pai: é anônimo. Aonde vai? A resposta é certa: o caminho leva ao Nada. Assim persiste apenas o mito da Gênesis: o Homem-Adão devolve todo o seu ser à Terra-Adama e aos elementos primordiais.

Alexandre é um anti-herói ateu e um arquétipo humano. Não encontra rasto divino em nenhuma parte no mundo. A sua origem perde-se na noite dos tempos fabulosos quando tudo era infernal e monstruoso. A sua vida é um pesadelo onde aparecem as forças ocultas do Destino regendo o nada e ritmando a eternidade no decorrer do São Francisco, aquele rio funesto, “não se sabe onde começa, nem onde acaba”.

O re-conhecimento da estética estrutural dos contos proporciona ao leitor a faculdade de profunda, sincera e íntima comunhão com o discurso e logo com o pensamento do autor.

Descodificar a trama é de facto re-conhecer os elementos constitutivos da argumentação e avaliar justamente a ética da conclusão. Numa palavra é penetrar na intimidade tanto do texto como do autor. Quem poderia negar que Alexandre, apesar da reencarnação de elementos folclóricos e mitológicos, não é a própria criatura de Graciliano Ramos? É evidente que o texto todo é uma re-composição. Quem não poderia então aceitar a idéia de que Alexandre não é senão a re-encarnação do pensamento de Graciliano Ramos? Da análise do discurso à psicanálise do pensamento vai um espaço ao mesmo tempo indefinido e ínfimo. Pois é: a pesar da compressão da análise aqui proposta pensamos termo-nos aproximado da convicção íntima da visão existencialista do homem e da profissão metafísica de Graciliano Ramos. Visão moderna? O problema é diferente. Já na Antiguidade o poeta dizia que todos os caminhos levam aos Infernos. Um percurso ontológico. Bem.

A. C.

Toulouse, 5/5/92

N. B.: Pode se ler ainda de André CAMLONG: **Le miroir de l'Etre et du Néant dans "Alexandre e Outros Heróis" de Graciliano Ramos** in Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XXIX, Lisboa-Paris, 1992, pp. 95-161.

## NOTAS

(1) Em **Marquesão de Jaqueira** lê-se: "Os bilros da almofada de Cesária tocavam castanholas na esteira".

(2) Ver a alusão às pedritas do Petit Poucet e ao fio de Ariadne através do caroços de mulungu e do sorites na intervenção de Cesária no conto da **Espingarda**: "Isso é um número muito comprido, respondeu Cesária. Se eu tivesse aqui os meus caroços de mulungu, a resposta ia logo; mas assim de cabeça, que dificuldade! Negócio de conta é um desespero, Alexandre. Você conhece a adivinhação dos lenços? Não conhece. Pois eu digo. Uma rua tem cem casas, cada casa cem janelas, cada janela cem moças, cada moça cem vestidos, cada vestido cem bolsos, cada bolso tem cem lenços, cada lenço quatro pontas e cada ponta um vintém. Quanto é o dinheiro que há na rua? Hem? Nunca houve quem soubesse Quebro a cabeça desde pequena e não sei. Faz vergonha a gente confessar que ignora um troço? Não tenho vergonha não, Alexandre. Esses lenços me têm estragados os miolos/ Conta é um buraco."

(3) Ver **História de um Bode** para notar a cor dos vestidos de Cesária, a única indicação.

(4) Terta sendo o metagrama de Tertia, a terceira parca.

(5) Na **Safra dos Tatus** lê-se: "E sinha Terta, que mora aqui perto, na ribanceira do rio, escura e casada com homem escuro".

(6) Em **A Doença de Alexandre** lê-se: "sinha Terta chegou, estirou o beijo, foi à cozinha e ferveu muita flor de sabugueiro. Bebi uma panela toda. Sinha Terta me consolou, arrumou em cima de mim uma serra de panos e saiu com Das Dores, que não se agüentava nas pernas, coitada. Cesária, bamba também, se amadornou ali na rede. Fiquei só." Note-se que sinha Terta amontoou todos os panos representativos da vida do "herói", pondo assim um termo ao labor de Cesária, que se "amadornou".

(7) Devem ser observados o vocabulário e as expressões com que o autor caracteriza as personagens. O Firmino vai por exemplo "inquirir", ou justifica a procura de precisão dizendo: "nasci com o coração perto da goela".

(8) Três qualificativos encarnados pelo símbolo da "silva".

(9) Em **A Canoa Furada** lê-se: "dei-lhe meia dúzia de trompaços, que o prometido é devido".

(10) Ler em **História de um Bode** através da metalinguagem, as alusões descritivas e a função do homeoteleuton: "O bode, que ia brincando, fazendo pouco dos cavalos, empinou-se e tomou vergonha. Foi um desespero. A novilha escapuliu-se, ligeira como o vento, e nós na rabada dela, pega aqui, pega acolá, íamos voando. Sim senhores, voando, que aquilo não era carreira. O mato me açoitava a cara e um assobio me entrava pelos ouvidos. Não se enxergava nada. Só uma nuvem de poeira, e dentro da poeira os quartos da novilha. Nunca vi boi correr daquele jeito, parecia feitiço. Eu me aproximava da bicha, ela torcia caminho e se afastava. Pelejamos assim muitas horas. Pega aqui, pega acolá, suponho que andamos umas sete léguas. Afinal chegamos à ribanceira de um rio seco, a novilha parou, eu consegui passar as unhas no sedendo dela e foi a conta. Arreou, despencou-se lá de cima e caiu numas pedras que havia no meio do rio. Desci a ribanceira, apeei e notei que a infeliz tinha desmantelado a pá direita na queda. Fiz o que pude para levantá-la e não houve remédio".

(11) Pode-se ler a "Lenda de Mani" em **O Selvagem** de Couto de Magalhães.